

Fraternidade São José
Retiro de Quaresma
20-21 de fevereiro de 2021 – Por videoconferência
Domingo à tarde
Assembleia

Música: *W. Amadeus Mozart, Vésperas Solenes de um Confessor KV 339, Faixas n.1 e n.5 (Laudate Dominum)*

“O cosmos e toda a realidade, do homem e da história humana, são como uma grande construção, uma grande obra de arte, a grande obra-prima de Deus da qual nós somos pedras vivas. Por isso, é a consciência o que abre as dimensões do ser, da verdade, da beleza do mundo que é Cristo, das quais as *Vésperas Solenes de um Confessor* são uma reverberação tão imediatamente envolvente e fascinante. De fato, é o maravilhamento que faz o coração de Mozart cantar, e o nosso com o dele; o maravilhamento e a gratidão diante do ser, que é a verdade e a consistência de todas as coisas”.

Cantos: *L'assenza*
Quando uno ha il cuore buono

Padre Michele

Comecemos o trabalho de hoje agradecendo a Dom Mosciatti mais uma vez por sua presença. Chegaram muitas perguntas. Tentamos agrupar as perguntas e as colocações por tema, porque, cada uma de uma forma diferente, parte de experiências individuais, mas dizem respeito aos mesmos pontos da palestra.

Em relação à palestra – esplêndida – parei no ponto “A condição: através do carisma”, precisamente onde diz que certamente há uma identificação e uma versão pessoal do carisma ao qual cada um foi chamado e ao qual pertence. Um pouco adiante, se lê: “Cada um de nós, em cada gesto, em cada um de seus dias, em cada imaginação, em cada propósito, em cada ação, deve se preocupar em comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como ele surgiu nas origens da história comum”.

Quando li isso, pensei na circunstância profissional e de caritativa que estou vivendo. Trabalho numa família composta por mãe e filho, e meu trabalho é acompanhar a mãe: assisti-la, limpar, cozinhar. Como caritativa, acompanho uma pessoa que é sozinha, e a acompanho de modo concreto em todas as necessidades que expressa. Minha pergunta é a seguinte: o que significa comparar meus critérios com a imagem do carisma? Porque senti um impacto pelo fato de que comparar-me significa voltar à experiência elementar, ou seja, ao coração, ao fato de que eu sou exigência de beleza, de justiça, de bondade, de amor. Eu me perguntava se isso é correto. Dar a vida pela obra de outro significa que tudo o que fazemos, toda a nossa vida é para o crescimento do carisma do qual participamos. O texto da Escola de Comunidade também diz que essa comparação é a maior preocupação que devemos ter, em termos metodológicos, morais e pedagógicos. Gostaria de uma ajuda sobre isso. Obrigada.

Dom Mosciatti

Veja, o carisma, como dissemos, é algo que veio ao nosso encontro. Nós encontramos o acontecimento de Cristo através de um carisma, de uma história, de um rosto, de uma face. Para nós, isso é claro. Então, qual é o drama da vida? Que, depois de o termos encontrado, podemos viver nossa vida segundo nossos critérios, segundo nosso modo de ver, segundo o que passa pela nossa cabeça, segundo a urgência que vemos. Isso é absolutamente importante, porque a comparação com o carisma é algo natural; se eu, depois de ter encontrado uma coisa grande e forte, desejo ir atrás dela e constantemente comparar o que vivo comigo, com o meu coração. Quantas vezes Dom Don Giussani disse: vocês devem sempre comparar, mesmo as coisas que

eu digo, com o seu coração, com as exigências mais elementares que vocês têm. Essa comparação é constante, porque a comparação nos faz ver imediatamente a verdade das coisas. A comparação nos interessa: o que é o carisma, afinal? Quem responde é o próprio Dom Giussani no texto da Escola de Comunidade – está na página 121. Diz assim:

“A essência do carisma de Comunhão e Libertação pode ser resumida no anúncio, cheio de entusiasmo e surpresa, de que Deus se fez homem e de que esse Homem está presente num ‘sinal’ de concórdia, de comunhão, de comunidade, de unidade de povo: só no Deus que se fez homem, só na Sua presença e, portanto, só por meio – de algum modo – da forma da Sua presença, o homem pode ser homem e a humanidade pode ser humana. Está aqui a fonte da moralidade e da missão”. Portanto, caso esteja só na presença, ou de algum modo nesse sinal de unidade e de comunhão, se eu me afastar, facilmente perderei o carisma, facilmente me tornarei autônomo e não conseguirei mais receber esse dom que chegou a mim de modo absolutamente gratuito e inesperado. Dá para entender?

Hoje de manhã acordei pensando que a conversão é muito concreta, e por isso agradeço a Dom Mosciatti – que nos disse isso de todas as maneiras, ontem – e também porque é bispo de Ímola, uma cidade muito cara a mim: lembro-me de um frade que, quando estive internado lá, me marcou muito por sua maneira de viver com os doentes, e ainda me marca.

Agora faz um mês que estou fechado em casa, por causa da covid. Na casa da paróquia onde moro somos quatro e, um após o outro, todos adoecemos. Durante uma semana, fui o único com resultado negativo, e o comportamento superficial dos outros me irritava. Então, uma manhã, acordei com o nariz escorrendo: o teste deu positivo. Depois disso, tudo mudou, no que diz respeito ao medo, graças à ajuda dos amigos, ao conforto via WhatsApp de outras pessoas, ao apoio das cozinheiras da escola que garantiram nossa comida. Assim, em algum momento, a minha recusa... virou pó. Sou fisioterapeuta e queria me tratar sozinho. Depois, quando padre Stefano se recuperou, pensei que ele teria outras coisas para fazer e me abandonaria ali sozinho... Minha surpresa em tudo isso foi ver o que estava acontecendo. Em primeiro lugar, meu amigo padre estava muito mal, mas sereno. Depois, mesmo quando ficou bom, não me abandonou, pelo contrário, me serviu de todas as maneiras, apesar de ter muito que fazer. Uma querida amiga médica, da São José, também me ajudou passo a passo e me apoiou; outros amigos também... Quero dizer que o Senhor me fez companhia e ainda me faz companhia agora, porque ainda não estou curado. Além disso, graças a esses amigos também aceitei tratamentos aos quais sou absolutamente contra. Minha doença foi uma ocasião para ver Jesus em ação e, com Ele, os amigos. Vejo neles o mesmo Jesus que se curva sobre mim: isso me comove muito. Normalmente sou rebelde, teimoso, não entendo, algumas vezes tiro sarro. Por isso, a conversão é um caminho simples de pertença, porque agora percebo que essas pessoas estão lá e me ajudam.

Dom Mosciatti

Seu testemunho é enorme, porque o problema não é você ser rebelde – tudo o que você é, nós somos mais do que você –, mas você se comover diante da companhia que está próxima, diante de Cristo. É essa comoção que lhe diz: és Tu que estás perto de mim, és Tu que me perdoas continuamente, és Tu que me abraças do modo como sou, não ficas olhando para as minhas dificuldades, para os meus erros, minhas fixações; és Tu que constantemente me gera com a Tua misericórdia. Essa é uma coisa grande. A conversão é tirar o olhar de mim, do meu limite, do meu mal e voltá-lo para Ti, que estás aqui na minha frente. Obrigado. Desejo que se recupere logo.

Trabalho como professor de apoio. Para mim, comparar-me com o carisma é uma tentativa de olhar para quem eu tenho na minha frente e, portanto, meus alunos, meus colegas, olhá-los a partir do seu destino, tentando amá-los como eles são, inclusive meu aluno que sofre de autismo. Mas gostaria de pedir um esclarecimento: isso basta? Como crescer na comparação? Como é que isso pode ficar cada vez mais cotidiano?

Padre Michele

Parece-me que o ponto de comparação, como Dom Giovanni disse antes, é com o coração, ou seja, com as experiências que carregamos, com o desejo, com as evidências com que o Senhor nos fez – de justiça, de verdade e de beleza – que foram comovidas intensamente numa história, comovidas num encontro. Ou seja, o ponto de comparação não é como eu imagino o carisma, como me lembro dele, como dizia Dom Giussani... porque sobre isso, no final, cada um tem a sua opinião, a sua interpretação. Como Carrón sempre diz, nós nos tornamos como escolas rabínicas onde cada um lê o texto à sua maneira. Mas quem de nós, por outro lado, não tem presente uma correspondência na própria experiência? É por isso que estamos aqui. A comparação é feita com o meu coração comovido por alguém, comovido por uma presença, por um encontro. Por isso, ou o carisma é evidente, ou não é. Neste momento alguém está comovendo a minha vida. O exemplo de antes é muito bonito: vivo uma experiência de correspondência com algo que não poderia fazer ou inventar sozinho, algo que responde em última instância ao meu coração e que constantemente toma a iniciativa. Acho que nós realmente somos filhos mimados de uma família muito numa mansão de luxo. O Movimento é assim para nós, nos dá tudo. Algumas páginas da última revista *Passos* são espetaculares. As Escolas de Comunidade sempre são um testemunho. Cada um de nós pode contar alguns fatos e agora, paradoxalmente, com essa nova maneira de comunicação, fazemos muitos encontros como esses, com testemunhos da África à América Latina! É uma iniciativa contínua que o Movimento, o carisma toma para comigo. Acho que todos nós vivemos essa correspondência. A comparação é com essa correspondência. Quando entro na escola, quando estou diante dos alunos ou quando estou diante das questões do Santuário: é com esta experiência que faço a comparação. De fato, quando me afasto dessa comparação, ou seja, quando não faço memória, quando não levo em conta como critério isso e a plenitude que estou vivendo, inevitavelmente começo a me dar conta, porque passo a solicitar da realidade, com pretensão, uma plenitude que ela não sabe me dar e me irrita com isso, com aquilo, com aquilo outro... e sempre com razão... mas a raiva é sinal de que a comoção e a plenitude do coração com que posso comparar tudo estão faltando. Por isso, é necessária a conversão, como disse Dom Giovanni, é preciso continuar deslocando o olhar de mim para aquilo que me comove, para Ele que vem ao meu encontro.

Dom Mosciatti

A verificação é que estou mais feliz. A comoção do encontro se renova, mesmo depois de anos, porque é como experimentar novamente o que aconteceu no início.

Acho que a palestra de ontem à noite demonstrou mais uma vez que a vida na virgindade é uma grande promessa e uma conveniência, pois responde profundamente à nossa capacidade humana de fazer quando vivemos a vida dando ao Doador o que é d'Ele, tudo, com o desejo de não possuir ou manipular o que nos é oferecido. A postura vivaz, vertiginosa, de abertura e contínua espera confiante de que o Acontecimento – já vivemos e verificamos como dignifica a nossa vida – se repetirá em nós mesmos e nos outros, essa contínua espera cuja força experimentamos esporadicamente, é uma oportunidade para nós.

Fiquei surpresa com a proposta de viver fazendo a mesma experiência de vida de Cristo, focada na experiência de Cristo, não na imagem que eu tenho d'Ele. O pecado entendido como diminuição da consciência do nosso pertencimento ao Pai é o que diferencia profundamente a experiência de Jesus e a minha experiência. Ele tinha a filiação na veia, e nós precisamos reconquistar continuamente essa consciência. Sei com quem e onde mergulhar para favorecer a entrada em mim de um critério maior do que a expressão de mim mesma. Vejo como a minha vida fica mais forte, livre, verdadeira, surpreendente quanto mais deixo de lado meus pequenos ou grandes ídolos e confio na experiência de grandeza e liberdade vivida no encontro com o carisma do Movimento. Gostaria de entender, na experiência, o que é o Batismo. Vejo que permanece em mim um conceito aprendido com alguém em quem confio, mas existencialmente não entendo a diferença que ocorre na natureza do homem quando ele é batizado, ou não percebo isso. Obrigada, porque estou começando a ver que o escândalo do meu esquecimento tem cada vez menos incidência em mim, porque posso recuperar a fé continuamente, com inteligência e obediência, como foi dito ontem. Tento colocar o coração e o olhar na promessa e na

possibilidade de vida que me é oferecida aqui, e que já comecei a experimentar, em vez de me acoitar de modo moralista por ver a minha incapacidade de me recuperar (se faço isso consistir em um esforço meu), e jogar já tendo perdido desde o início.

Dom Mosciatti

Batismo, o grande dom que Ele nos deu. Em primeiro lugar, esta é a grande palavra: dom. O Batismo nos mostra justamente que não é algo feito por nós: Alguém veio ao nosso encontro. Você foi batizada quando pequena ou depois de grande?

Dois dias depois do meu nascimento.

Então foi um dom desejado por seus pais, que quiseram que você pudesse ser imediatamente abraçada por Cristo, renovada por Ele. Esta é a coisa interessante: é um dom. Não é uma busca sua. É um dom gratuito. E quando você percebe o que o Batismo fez? No encontro com uma realidade viva, com uma companhia, com uma comunhão na qual você descobre o dom que lhe foi dado, e diz: mas isso já aconteceu. E o que a companhia faz? Deixa ainda mais evidente todo o dom, toda a dignidade do que aconteceu com você. Mesmo alguém que recebe o Batismo depois dos 25 anos, depois de uma grande conversão, é sempre dentro de um encontro que descobre a grandeza desse Sacramento, desse início. É o corpo de Cristo ressuscitado que a agarra, que a toma e não a abandona mais. Não é um dom que, depois, Ele retira, que o Senhor pega de volta. É o Seu ser ressuscitado que chega a você através de uma companhia. Você se despojou do homem velho e se revestiu do homem novo. Isto é o Batismo: a veste branca que você recebe, a vela acesa. É uma novidade que ilumina a vida, mas é preciso um encontro que nos permita poder ver e apreciar a sua beleza.

Padre Michele

Impressiona a sua insistência de que é um dom, é um sacramento, não depende de mim. Significa que é uma iniciativa de Jesus para comigo. Sou chamado a ver seus frutos graças ao carisma, graças a uma outra iniciativa de Deus para me tornar ainda mais consciente. Sou chamado a perceber e a contribuir para que essa semente se torne uma planta. Sou chamado pelo carisma a me dar conta disto: todos nós sabemos muito bem como seria nossa vida cristã se não tivéssemos encontrado o carisma do Movimento, melhor, nós não sabemos, tamanha foi a graça. Eu não seria padre. Acho que Giovanni não seria Bispo. Não estaríamos aqui. Certamente estamos envolvidos dentro desse grande dom, mas na origem há um dom gratuito. Você não precisou fazer nada. Ele veio ao seu encontro, O Batismo sempre me impressiona porque, como todo Sacramento, tem esta característica: a iniciativa d'Ele para comigo. Ele não me pediu permissão. Disse: você é meu. E depois teve a caridade, a graça, a beleza de me envolver no desenvolvimento daquilo que Ele colocou como semente, de modo que se tornasse meu. Essa é a gratuidade inicial que o torna objetivo. Olhou para baixo e disse: você. Tanto com Giovanni quanto comigo. Eu insisto: tudo isso teria permanecido escrito no ar ou algo que aprendemos no catecismo, mas a graça do carisma é que isso se tornou experiência. Experiência comovente, possível, todos os dias. Isso é impressionante.

Tenho uma pergunta sobre uma passagem, quando Dom Mosciatti disse: “Não expressão de si, mas conversão de si”. É como uma sugestão sobre a tentação de mudar o método que vivemos. Porque em nós há a prevalência da busca da própria expressividade em detrimento do acontecimento que entrou em nossa vida. Gostaria de entender melhor este ponto, porque em alguns aspectos me pergunto o que pode haver de mal na expressão de si, e em outros, porém, parece-me que os desejos bons, como o de sentir-me amado ou o de que no hotel onde trabalho voltemos a trabalhar como antes, sejam expressões do meu projeto sobre a realidade e, como não se realizam como eu gostaria, às vezes parece que viram um obstáculo para a conversão porque, mesmo que sejam coisas que têm sua importância, não quero viver só pelos detalhes da minha vida. Obrigado. Simplesmente isto: por um lado, no Hotel a situação não é boa, por outro, por causa da covid, percebo que o distanciamento social a que somos obrigados faz com que eu

tenha um pouco de dificuldade nos relacionamentos. Acentua-se algo que também é afetivo às vezes.

Dom Mosciatti

A expressão de si não é errada, só faltava isso! Não somos robôs, não somos controlados remotamente, você é você. O problema é quando você, nós, vivemos as coisas com o nosso esquema. Às vezes temos dificuldade de sair disso. Acho que entendi que você – como disse – às vezes tem um projeto sobre a realidade, um modo de conceber o hotel onde trabalha como era antes... provavelmente você reclama, o que é típico de alguém que tem um projeto sobre as coisas, mas, depois, a realidade mostra outra coisa. Essa é a evidência do que significa que preciso de uma conversão, não só de uma expressão de mim mesmo. Se eu insistir apenas na expressão de mim mesmo, fico sempre reclamando porque não é como eu queria... Mas o que acontece? A conversão é como me posicionar diante do que acontece e perguntar: o que isso me mostra? Que passo me faz dar? O que me pede? Ora, ou essa bendita pandemia nos pede algo, ou muda a forma como normalmente vivemos, ou – como diz o Papa Francisco – é quase inútil que tenha vindo. O famoso discurso que ele fez no dia 27 de março do ano passado, na Praça de São Pedro vazia, mostra justamente isso: muda nosso jeito habitual de pensar. Ele disse: *“A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”*. O que a tempestade faz? Deixa-nos na posição de acolher algo maior. Os estereótipos caíram, estávamos todos preocupados e o Senhor constantemente nos diz: por que vocês têm medo? Não têm mais fé? Naquele momento, o Senhor nos diz: Eu estou aqui, vocês não precisam ter medo diante disso. Há uma mudança, uma conversão. É um olhar diferente que devemos ter. Um olhar que faz com que eu me compare com a realidade, pois a realidade é Cristo. São Paulo nos diz isso, e assim o é. A realidade me provoca. Se eu não me deixo provocar, sigo em frente com as minhas ideias. Se, ao contrário, me deixo provocar, começa um caminho de conversão. Tudo se torna interessante e o que chega nunca é contra, mas é uma ocasião de mudar, uma oportunidade de me dar cada vez mais conta d’Ele, isto é, de Cristo.

Padre Michele

Porque o problema é que sem a provocação que você citou, Giovanni, não somos nós mesmos. Nós nos encolhemos dentro das nossas fixações. Não há uma alternativa entre a conversão e sermos nós mesmos. É o contrário. Sem a provocação da realidade, sem que Cristo me provoque de fora, sou cada vez menos eu mesmo. Fixo-me cada vez mais numa imagem que tenho de mim, da realidade: no fundo, esta é a experiência cotidiana. O que nos liberta das nossas fixações? Qual é o sinal de que algo não funciona? Que não vivo mais se eu não resolver algum problema, fico ansioso. Talvez seja um problema justo, que precise ser resolvido, talvez você tenha a solução na cabeça, mas o fato é que você não vive mais, não é mais você mesmo. Porém, é a provocação de fora que me permite ter contato com uma plenitude que me deixa livre também da solução. Na verdade, normalmente até mais inteligente, porque me torno eu mesmo, já não sou escravo daquele problema, daquela fixação, do meu esquema. É justamente para sermos nós mesmos que precisamos que o Senhor nos converta com golpes, com pandemias, com golpes de pandemias.

Gostaria que você falasse um pouco mais sobre a mudança de método, sobre o que isso implica para os adultos com responsabilidade diante do trabalho ou da falta de trabalho, diante dos problemas com os filhos, etc. O Brasil é um país pobre, enfrentamos essa pandemia de um modo absurdo, com um presidente que não se importa se morremos ou não, em suma, para a situação política não importa se chegamos a 250 mil mortos no final de semana. Entendo que a fé é a exaltação da razão. Talvez seja uma heresia, mas tenho a sensação de que não resolveremos as coisas rezando. Sinto muito, sei que é duro, e não foi disso que o senhor, monsenhor, nos falou. Mas há tantas injustiças, tanta dor! Obviamente, para mim a pandemia é quase um dom, porque permitiu essa proximidade entre nós, mas a que preço? Esse método é para todos os homens? Para mim, o carisma ficou claro como o senhor nos explicou. Diante de tanta dor, há o desejo de

ajudar, de fazer alguma coisa, é claro que não podemos eliminar o sofrimento, mas este é o maior desafio: como não fugir do método diante da fome e da dor? Obrigada.

Dom Mosciatti

Você precisa saber que eu sempre desejei sair em missão e nunca me enviaram. No Seminário, eu perguntava a Michele: você não quer ir? Ele dizia: quero ser padre diocesano, estou aqui no Seminário por isso. Pois bem, eu nunca fui enviado em missão e ele passou dez anos no Peru. Ainda lembro – e, aqui, respondo à sua pergunta – que quando ele voltou, me contou o que um grande amigo nosso disse a ele quando o levou ao ponto mais alto de Lima, onde dá para ver toda a cidade. Ele vai nos contar o que seu grande amigo disse, porque a meu ver é o ponto que responde à sua pergunta. Porque a dor é muito verdadeira. Não só no Brasil, evidentemente, mas também aqui. O problema é que a questão é dura, principalmente quando há um poder político tão forte que não entende, que esmaga... isso sempre existiu na vida, Cristo também o viveu. Se padre Michele nos contar o que seu amigo lhe disse e fez entender, acho que responderá à sua pergunta.

Padre Michele

Foram dois momentos. O primeiro aconteceu enquanto olhávamos para toda a extensão da cidade de Lima – e a maioria eram barracos, favelas –, e ele me disse: “Olha, de tudo o que você fizer durante o tempo em que estiver aqui, daqui não veremos mudar nada”. Trabalhávamos numa universidade e, daquela colina, era difícil identificar onde ela estava porque era apenas um ponto. “O que você vai fazer lá não pode ser visto daqui”. Para mim, foi um soco no estômago. É verdade, aqui a necessidade, a dor, as coisas a fazer, as deficiências são tão grandes que faz você rir do que alguém pode fazer. Havia uma enorme desproporção entre a dor, a necessidade, o que eu tinha diante de mim e as pobres energias de uma vida inteira. Ele me deixou ali meditando um pouco e, depois, enquanto descíamos (o amigo era Andrea Aziani, que muitos de vocês conhecem e que agora já está com o Senhor no Paraíso), ele me disse: mas lembre-se de que Cristo já venceu. E eu lembro que pensei – fazendo uma piada: ainda bem que venceu, imagine se tivesse perdido! Mas, na verdade, foi uma resposta sarcástica que paguei, no sentido de que acabei vendo que ele tinha razão. Se partimos da vitória d’Ele, mesmo dentro de todo o mal deste mundo, dentro de toda a dor, ali onde Ele começa a vencer, a beleza de viver é poder dar a vida para contribuir com a vitória que já aconteceu, que já está ali dentro. O oposto é continuar a se desesperar olhando para o que ainda falta.

Dom Mosciatti

Pensemos em Cristo: ele morreu sozinho. Havia quatro pessoas com Ele: duas – a mãe e João – que estavam sob a Cruz; depois, quatro ou cinco mulheres um pouco distantes olhando onde iriam colocá-lo. E só. Todos tinham fugido, no entanto, ainda falamos daquele Homem, Ele ainda nos faz viver, agora. Entende? Então o problema não é a questão da oração, mas é não parar na perplexidade e na angústia pela circunstância, porque senão estamos fora. Como dizia outro dos nossos grandes homens, Enzo Piccinini, devemos sempre olhar para o que existe, não para o que falta. E é isso que Cristo nos faz olhar. Cristo também nos permite organizar-nos, ser capazes de fazer alguma coisa, inclusive criar uma obra bonita, significativa, que pode produzir uma mudança, mas o problema não é o propósito, não é a obra, não é a coisa em si. Muitos tentaram fazer revoluções, derrubar governos, mas não é esse o caminho que muda o mundo se eu não mudar.

Caríssimo Dom Giovanni, em primeiro lugar obrigada, de coração, pela clareza e pelo afeto com que pregou o Retiro para nós; uma grande ajuda. E obrigada ao caríssimo padre Michele, que o convidou! Quando você nos lembrou as palavras que são ditas no rito da imposição das cinzas, não pude deixar de constatar mais uma vez como é verdade, lembrando-me, com a inteligência de que nos falava, de quando, há dois anos, meu pai voltou para o Céu, e em poucos dias passei de cuidar daquele corpo querido e amado a colocar a urna com suas cinzas num túmulo, ao lado dos restos de minha mãe. Amo ardentemente a vida, e a cada dia que passa percebo que sou mais feliz, mesmo nas tribulações, porque realmente Ele é vir pugnator. Cresce em mim a consciência de que Tu, Jesus, és a Vida da minha vida, de modo real, carnal, junto com uma

gratidão indescritível por ter sido imersa em uma companhia como esta. As palavras de Dom Gius “Cristo é o único que leva a sério tudo de você” se encarnam contínua e incansavelmente, amando minha liberdade e toda a minha pessoa, e esperando por elas, sem nunca faltar. Como desejo com todo o coração uma conversão verdadeira, peço uma ajuda em relação à segunda palavra usada por Dom Gius para indicar a conversão, ou seja, a obediência. Há mais de vinte anos, sempre que me é dada a possibilidade de olhar para a experiência da obediência, no fim eu digo: “Pois bem, entendi, é verdade... assumir em mim os critérios de um outro, os critérios d’Ele...”. Digo isso de modo sincero, mas ontem meu coração se dividiu com uma pergunta que talvez seja banal: o que é, realmente, para mim, hoje, obedecer a esta realidade reconhecida, à nossa unidade naquele Homem? Gostaria de saber se você pode me ajudar em relação a isso.

Dom Mosciatti

Impressionou-me o que você disse sobre as cinzas. Na Quarta-feira de Cinzas, o Papa Francisco disse, na sua homilia: *“A palavra de Deus pede-nos para regressar ao Pai, pede-nos para voltar a Jesus, e somos chamados também a regressar ao Espírito Santo. As cinzas na cabeça lembram-nos que somos pó e em pó nos havemos de tornar. Mas, sobre este pó que somos nós, Deus soprou o seu Espírito de vida. Então não podemos viver seguindo o pó, indo atrás de coisas que hoje existem e amanhã desaparecem. Voltemos ao Espírito, Doador de vida! Voltemos ao Fogo que faz ressurgir as nossas cinzas, àquele Fogo que nos ensina a amar. Continuaremos sempre a ser pó, mas – como diz um hino litúrgico – pó enamorado. Voltemos a rezar ao Espírito Santo, redescubramos o fogo do louvor, que queima as cinzas das lamúrias e da resignação”*.

Essa passagem é muito interessante, porque esta é a obediência. Senão, diante da prevalência apenas das cinzas, o que deveríamos fazer? Há algo que entrou em nossa vida e que deu vida à vida. Deu vida ao pó que somos. Obedecer de coração a isso é um fator inevitável, não é um a mais que se acrescenta à vida, é o que torna a vida vida. Porque, se não obedecemos a isso, a quem obedecemos? Ao nosso pó que é destinado a permanecer pó?

Padre Michele

De pó nos tornamos pólvora. Pólvora, aquilo que explode, porque, se não for assim, a obediência é uma perda de si, é como terceirizar a vida aos outros, a quem sabe mais do que nós, a quem é mais fascinante do que nós, a quem é mais velho do que nós, a quem é mais jovem do que nós... no entanto, essa cinza comovida, enamorada, somos nós, é o coração comovido. É preciso que haja Alguém que o comova. Alguém que precisou vir. É ao coração comovido que eu obedeco. Por que seguimos Carrón? Porque ele é o chefe? Porque é o único que me faz ter uma experiência de Cristo e, portanto, da realidade que meu coração reconhece como correspondente. Eu vou atrás disso. A obediência é pedir que alguém me ajude a viver essa correspondência, que me coloque diante da sua experiência de modo que eu possa fazer a mesma experiência e ficar fascinado como ele. Por isso, é sempre a um coração comovido que obedecemos. Sem alguém que nos comova, não basta obedecer ao coração, como muitos dizem. Se você não fica comovido, se não vive uma correspondência, comete um grande erro, vai atrás do que parece o coração, mas são suas próprias manias, seus próprios esquemas.

Dom Mosciatti

Quero acrescentar só uma coisa. As coisas que eu vivo, mesmo as que aparentemente padeço, que sofro, também são ocasiões para aprender a obediência. Aquela frase de Dom Giussani que fala de Jesus é belíssima: Cristo aprendeu a obediência com as coisas que sofreu. É interessante. Nem o que era contrário bloqueou n’Ele a obediência ao Pai, Sua relação com o Pai, a relação que o tornava Filho porque havia o Pai e qualquer coisa... até mesmo a morte na Cruz. Tudo estava dentro do grande Mistério do Pai. Então, ou é assim, ou somos pulverizados.

Padre Michele

O paradoxo é que, por um lado, queremos fazer tudo sozinhos e, por outro, é o que mais nos assusta. É impressionante. Queremos fazer as coisas da nossa cabeça, mas o que mais nos assusta é dizer: talvez eu tenha inventado isso... e é isso o que nos arranca dessa relação.

Gostaria de entender melhor a ligação entre a tentação de mudar o método e a consciência de que a minha vida depende de Outro. Moro na cidade de Houston, no Texas, EUA, que na semana passada foi atingida por um furacão de inverno atípico e grave. Durante a tempestade experimentei como a vida é extenuante quando você está sozinho tentando sobreviver. Por exemplo, toda a sua energia e força se concentram em se manter aquecido, alimentado e hidratado: parece não haver espaço para muito mais. No entanto, nestes dias, eu também experimentei de maneira concreta que o Pai cuida, experimentei novamente como a minha vida realmente está nas mãos d'Ele. Em particular, vi isso em minha mãe e minha irmã (com quem eu estava durante o furacão), nos meus amigos da Escola de Comunidade que me enviavam WhatsApp diariamente, verificando as mensagens e oferecendo-se para trazer água, hospedar pessoas ou entregar mantimentos. Embora parecesse irônico que a Quarta-feira de Cinzas tivesse passado assim, o jejum parecia drasticamente diferente sem energia elétrica, calor, água, encanamento ou internet (como se Deus tivesse escolhido para nós o sacrifício que faríamos), havia um desejo verdadeiro de se entregar à Sua misericórdia – porque nessas circunstâncias fica claro como a vida depende d'Ele. Esses dias me fizeram pensar em quantas vezes vivo assim, apenas tentando chegar ao fim do dia, quando não há tempestade e tenho todo o conforto e as coisas necessárias para viver. Desse modo, reconheço a tentação de mudar o método vivendo de acordo com os meus recursos, ou minhas tarefas. Então, como é possível aceitar cada “evento rotineiro” no cotidiano, se o “evento” não se apresenta como extraordinário, mas ainda assim é dado pelo Mistério? Obrigado.

Dom Mosciatti

Enquanto eu lia a sua pergunta, pensava em Nossa Senhora. Durante 30 anos, ela não viu nenhum milagre de seu Filho. Se tivesse havido um evento extraordinário! O Evangelho narra que o primeiro milagre de Jesus foi o das Bodas de Caná, onde o Senhor transformou centenas de litros de vinho. Abro um parêntese, para falar de uma grande descoberta da nova tradução. Antes se dizia que havia ali seis jarros de pedra com dois ou três barris de água que Jesus transformou em vinho. Quanto é “dois ou três barris”? Na nova tradução se diz que havia ali seis jarros de pedra contendo de 80 a 120 litros de vinho cada. Façamos uma média de 100 litros por jarro: Jesus transformou 600 litros de vinho! Nossa Senhora não viveu tudo isso nos primeiros 30 anos. Mas então, onde estava o acontecimento da novidade? Foi a memória viva do que tinha acontecido a ela que sempre manteve de pé a sua esperança. Então, a novidade está realmente dentro do cotidiano, dentro do que você vive. Há também o evento extraordinário, que evidentemente nos atinge. Carrón – em *O brilho dos olhos*, na página 92 – diz: “*Quem está centrado em si mesmo, em sua própria bondade ou inteligência, no afã ou persuasão de ter razão, acaba por já não perceber a realidade em sua inexaurível e misteriosa alteridade. Assim, o único entusiasmo que se pode experimentar na vida é o de ter razão, de satisfação pessoal; e não, decerto, a surpresa pelo que acontece, pela realidade que fala à pessoa, pela graça do ser*”. Para quem vive a abertura de que você falou, cada dia é uma surpresa, cada instante é realmente uma surpresa, a grande surpresa de reconhecer Jesus presente.

Padre Michele – Sem cruzar o Atlântico, voltemos ao Brasil. Vou ler em italiano. Depois, se quiserem, conversamos.

Você poderia dar exemplos do que disse no final: “Corrigir-se de modo que o carisma não se torne um pretexto para fazer o que você quer”, por favor?

Desejo viver a obediência e a fidelidade ao carisma e descobri, no ponto 9 de “Deixar marcas”, que só depois de quase 25 anos de Movimento “obedeço” com alguma “naturalidade”. Até há pouco tempo, sempre foi uma luta interior, mesmo em coisas simples como os compromissos programados pela comunidade e o modo como eu queria programar meu tempo livre. Era quase como se o Movimento quisesse me “enquadrar” e invadir meu tempo livre, e eu perseverei, segui, mas resmungando por dentro, não vivi livremente. Pelo contrário, nos últimos anos, sobretudo durante a pandemia, vivi a experiência de que cada proposta feita pelos textos ou por aqueles que dirigem a comunidade local ou a própria São José, era uma ajuda para eu viver toda a minha vida, incluindo meu trabalho e meu tempo livre, de uma forma mais justa e verdadeira. Entendi

claramente que, através disso, é o Senhor que favorece meu caminho para Deus. Então, sinto-me livre para seguir as propostas.

Por outro lado, sinto uma certa exigência, para mim e para meus amigos, em relação à forma como os encontros acontecem, a ponto de me sentir desconfortável, por exemplo, quando há um atraso no início do encontro, ou quando o tempo da Escola de Comunidade e dos encontros da São José é extrapolado com assuntos que não têm a ver com o trabalho do texto... e fico em dúvida se esse requisito tem a ver com “o confronto com a forma histórica do carisma” (penso no método dos encontros de CL) ou, mais que isso, se é mais um “pretexto para fazer o que quero”.

Também pensei no que o Papa nos disse, sobre “não adorar as cinzas”, mas manter vivo o carisma de Dom Giussani – que poderia sugerir uma certa flexibilidade em relação ao método. Então, peço exemplos que nos ajudem a viver esse ponto de confronto.

Trecho de referência: “Há, então, a urgência de uma contínua comparação, quer como correção, quer como ideal continuamente renovado para que o carisma não se torne oportunidade e pretexto para fazer o que queremos. A comparação é com a forma histórica que o carisma assume: textos e pessoas indicadas como ponto de referência” (cf. L. Giussani, Deixar marcas... p. 122-123).

Dom Mosciatti

Tenho um exemplo aqui em Ímola de um santo padre – uma coisa belíssima! – que conheceu o Movimento há muitos anos e, depois, preferiu se afastar; separou-se e deu origem a um caminho próprio, e muitas pessoas foram com ele. Isso me marcou muito porque, depois de tantos anos, eles estão pedindo que seu caminho seja reconhecido pela Igreja, que o modo de viverem o carisma seja reconhecido, porque talvez sintam que suas vidas estão terminando e, por conseguinte, há o problema de comunicar aos outros que haverá uma continuidade. Pensem que história! Nós tivemos uma graça incrível, poderosa, de não nos separarmos desse broto, que antes era um broto, depois cresceu e se tornou uma árvore, que a Igreja reconheceu até chegar ao Papa, que reconheceu sua validade. É um carisma reconhecido pela Igreja, que se tornou uma grande árvore que deu flores, frutos e muitas coisas bonitas. O mais interessante é que, se permanecemos ligados a ela, é como obter uma seiva viva, não precisamos começar de novo: o carisma traz uma seiva nova e geramos botões, coisas belíssimas no mesmo tronco, na mesma raiz. É por isso que o pretexto de fazer o que se quer é como alguém que se afasta, planta de novo, e depois, se Deus quiser, também faz com que cresça, mas é um grande esforço. É mais simples permanecer ligado ao que já existe, ao que chegou a nós florido: nós vimos suas flores, seus frutos, vimos o que significa quando conhecemos a santidade das pessoas que o viveram plenamente, por exemplo. É impressionante ver tudo o que nasceu deste carisma, o que nasceu de grande, de belo, de precioso. Quando li a sua pergunta, pensei nisso, porque nosso pobre sacerdote está fazendo um grande esforço para tentar entender o que aconteceu na vida deles. Eu sempre quis permanecer ligado a este tronco incrível que comoveu a minha vida e que me mudou, um carisma que me fez crescer... não imagino o que eu poderia ser sem esta vida que chegou até mim. Por isso, a obediência é mesmo uma obediência de coração, simples e de coração. E com certeza não se trata de adorar cinzas, porque as cinzas foram inundadas pelo sopro vital do Espírito. Ficaria contente se você também pudesse dar um exemplo, Michele.

Padre Michele

Dou um exemplo sobre mim: fiquei tocado com a sua descrição de coisas simples que fazem a nossa companhia, como o atraso, o início da Escola de Comunidade mais do que... O que é que significa não se tornar um pretexto para fazer o que você quer e, ao mesmo tempo, obedecer ao próprio coração comovido? Carrón sempre me impressiona porque, comigo, sempre parte – e vejo-o fazer isso com os outros – de um olhar de estima pelo meu coração. É como se todas as vezes nos dissesse: “Você não é burro”, então se você não concorda com alguma coisa, se alguma coisa grita em você, se algo lhe parece inadequado – em vez de partir com a lança em riste dizendo “Eu tenho razão” e jogando tudo para o ar, ou, por outro lado, considerar-se errado dizendo: “Sou eu que não entendo, fui eu que errei” –, parece-me um sinal interessante de apego ao carisma confiar no tempo. Se, como é verdade, é Deus que está fazendo, com o tempo veremos a verdade vir à tona. Foi bonito ver, ao longo destes anos, que é verdade, não é só uma recomendação estratégica. Em relação a algumas coisas eu sempre disse “Não acho que isso

está certo". Mas sem a pretensão de mudar imediatamente – porém, também não dizendo "Vamos deixar para lá, não é verdade" – e, aos poucos, foi ficando claro que eu tinha razão. Mas como foi bonito ter descoberto isso junto com outros, sem precisar romper ou brigar para ter razão... porque, depois, você pode ficar com a sua razão, mas destruiu a planta. Por outro lado, quantas vezes achamos que temos razão e, depois, como você contou, em algum momento a situação, a pandemia, nos torna mais humildes e necessitados, e o que antes sentíamos como uma violência à nossa autonomia se torna uma necessidade, e dizemos; "Ainda bem que existe!" Pertencer ao carisma acontece ao longo do tempo, também se dá na confiança e na certeza de que o que aconteceu comigo é que o próprio Deus veio ao meu encontro, e o carisma é a forma com que Ele me conduz. Este é um juízo que, se fizermos memória e voltarmos a ele, nos corrigirá tanto da pretensão de sempre termos razão quanto da depressão de sempre estarmos errados.

Última. Voltemos à Itália.

O que mais me provoca está bem sintetizado neste ponto do Retiro: "Na companhia de Jesus, a relação verdadeira com o real pode tornar-se experiência estável em nós. Com Cristo nada se perde, porque Cristo nos permite entrar numa familiaridade com o Pai". Em particular, a expressão que me marca e me provoca é "experiência estável". É a coisa mais desejável que existe, mas na minha experiência não posso dizer que é estável, e me parece impossível que o seja. Digo desejável porque às vezes, por graça (de fato, parece que não coloco nada meu) vivo o detalhe como "presente", como "dado" pelo Senhor a mim, também numa circunstância difícil, pesada ou desgastante (meus pais moram comigo e minha mãe tem uma doença degenerativa, e isso comporta uma mudança radical em relação à liberdade das coisas que posso fazer, sobre como uso meu tempo). Quando tudo isso acontece, quando recebo um detalhe da realidade, simplesmente o acolho, e tudo se torna não só "abraçável", mas também cheio de paz e ironia.

No entanto, o que eu vivo é geralmente um sacrifício sem conseguir ver, sem entender, mais do que um "dom de si comovido". Embora eu saiba que o Senhor está sempre presente e que sem esta companhia eu estaria literalmente perdida, digo que parece uma miragem viver tudo, realmente tudo – e aqui cito mais uma vez as palavras de ontem – "com uma intensidade e uma dignidade inesperadas, mesmo quando nos encontramos numa situação de limitação". O outro ponto que cito é: "Cristo demonstra um modo de viver a realidade que não a achata, que não a reduz, encarna e testemunha uma relação verdadeira, inteira, com todos os aspectos do real".

Parece-me que estar sempre pronta para tudo é um dom que vem do Senhor. Se o Senhor me faz viver assim alguns momentos, é apenas um presente. Porém não posso deixar de desejá-lo. Gostaria que me ajudasse a entender melhor esse aspecto, para eu não pretender, de um lado, e não me desencorajar, do outro.

Dom Mosciatti

Acredito que, na sua experiência, você pode perceber quando acontece uma novidade e essa novidade faz você abraçar novamente, faz você perdoar semanas de escuridão. Fica claro? Acontece algo que faz você dizer: "Que bonito!", e tudo o que aconteceu antes parece perdoável, possível de abraçar novamente, parece novo. Porque algo aconteceu. Na vida é assim: não é uma clareza absoluta de tudo, seria realmente, como você disse, uma pretensão, mas há acontecimentos – e se chamam assim justamente porque se dão num tempo e num espaço – que esclarecem, põem paz no passado e uma esperança no futuro. É como a ponta de um *iceberg* que acontece, e é impressionante quando você diz "Que bonito!" e percebe que isso lhe perdoa semanas de escuridão e devolve a esperança no futuro. A esperança é algo que acontece. A esperança, em suma, é a certeza de um futuro em virtude de um acontecimento presente. Algumas vezes temos um pouco a pretensão de que tudo seja claro, límpido, se fosse assim já estaríamos no Paraíso. Porém há eventos, acontecimentos que, se você olhar para eles no passado, são pontos de clareza incríveis, de luz sobre toda a sua vida. Tente pensar no primeiro momento em que lhe ocorreu que oferecer a vida a Cristo poderia ser interessante. É uma luz que deixa tudo claro, anos e anos de esforço. Entende?

Padre Michele

Complemento o que você está dizendo: a ideia do *iceberg* é bonita, porque o que está embaixo dele é enorme e permite ver o que emerge. Nunca pensamos que nosso vizinho, que tem o mesmo problema que nós, vive num mundo diferente do nosso. Quer dizer, o que aconteceu na tua vida, mesmo que você nem sempre leve em conta, te insere em outro mundo, porque você, assim que começa a viver como o seu vizinho (ou seja, a realidade sem um significado, sem uma profundidade, como pura reação para conseguir suportá-la), não consegue, porque já fez experiência do que significa que a realidade é Cristo, ou seja, que tem um significado e que o significado é Ele, e que o significado – que é Ele – quer te abraçar. É verdade que essa não é a consciência de sempre, mas não é possível voltar atrás. Você vive metade do dia, aliás, cada vez menos – antes poderiam passar-se meses, depois semanas, depois um dia, agora nem um dia – e não consegue mais viver sem dizer: “Por que isso? Onde estás?” A mesma falta leva você a olhar, a buscar, a enxergar a realidade com uma profundidade que é outra coisa, que é o Mistério. Isso não acontece com seu vizinho. Precisamos dar-nos conta do que aconteceu na nossa vida. Mais que um *iceberg*! Todo o Polo Norte veio até nós! Precisamos ter a graça, porque nasce pelo menos uma perturbação da gratidão de reconhecer o que aconteceu. Quantas pessoas vemos viver a doença de seus entes queridos sem profundidade, quase desesperadas, porque só pensam que eles vão morrer, que irão embora e não restará nada. Ontem uma pessoa me ligou dizendo: “Vou te passar alguém que quer se suicidar”. A pessoa queria acabar com tudo e continuava dizendo: “Eu não sirvo para nada, chega, não aguento mais”. Estava bêbado, não era muito fácil dialogar. Mas eu disse: “Pense no que aconteceu na minha vida, eu não posso sequer dizer uma coisa dessas”. A ideia do *iceberg* me parece muito, muito válida, e verdadeira.